

# A ESCOLHA DA TEORIA NA INVESTIGAÇÃO SOCIAL COMPARATIVA (\*)

**Juan J. López**

Um fenômeno dependente é sobredeterminado se duas ou mais variáveis independentes explicam a mesmaparte de suas variações (Przeworski e Teune, 1970, pp. 23 e 84). A sobredeterminação ocorre sempre que muitas variáveis são teoricamente relevantes e há poucas observações. Nas situações em que haja sobredeterminação, a escolha teórica não pode ser feita em bases empíricas se a opção por uma ou outra teoria concorrente depender de hipóteses testáveis. Conseqüentemente, os critérios não-científicos - políticos ou ideológicos - tendem a influir como determinantes na seleção da teoria.

Os estudiosos, de modo geral, identificam sobredeterminação e incapacidade de arbitrar empiricamente hipóteses rivais é quando não é possível fazer refinadas análises multifacetadas, pois as hipóteses concorrentes são demasiado numerosas em relação à quantidade de casos disponíveis.(1) John Stuart Mill e Emile Durkheim já tinham observado que a sobredeterminação é uma das maiores dificuldades da pesquisa comparativa. De fato, Adam Przeworski chega a afirmar que a sobredeterminação é o problema central da pesquisa transnacional.(2)

Seguem dois exemplos. As diferenças observadas, entre nações, nos gastos com a assistência social podem ser explicadas por nível de desenvolvimento econômico, cultura, predomínio dos partidos de esquerda, centralização dos sindicatos, corporativismo, pequenas dimensões dos mercados locais, abertura comercial e outros fatores. Muitas dessas características ocorrem simultaneamente nos países escandinavos e a influência causal de cada fator não pode ser isolada (Przeworski, op. cit., p. 39). Outro exemplo de sobredeterminação vem da obra de Francis Castles e Vance Merrill (Castles e Merrill, 1988). Eles afirmam que tanto as características nacionais dos ingleses quanto a ausência de uma estrutura neocorporativista de mediação de interesses têm nítida relação com o fraco desenvolvimento econômico e com os baixos níveis de proteção social. De acordo com eles, quase todas as democracias capitalistas economicamente avançadas ou são de modelo inglês, ou são neocorporativistas.(3) As típicas características nacionais inglesas e o neocorporativismo têm conseqüências que são virtualmente a imagem espelhada uma da outra; o impacto causal dos dois fatores não pode ser diferenciado (Castles e Merrill, op. cit., pp. 5 e 8).

A sobredeterminação pode ser interpretada de duas maneiras (Przeworski, op. cit., p: 39). As variáveis independentes covariantes podem ser consideradas potencialmente independentes uma da outra e, nesse caso, o problema é de colinearidade. Este é o argumento desenvolvido neste artigo. Em princípio, por exemplo, não é necessário que a dominação social-democrata e o corporativismo ocorram juntos. Também é possível que todos ou alguns dos fatores - pequeno tamanho, dominação social-democrata e corporativismo - sejam uma síndrome. Nesse caso, as variáveis independentes não são separáveis uma da outra, constituindo, em vez disso, uma variável com finalidades explicativas.

## **Premissas subjacentes**

A sobredeterminação só se torna um problema quando a pesquisa comparativa procura explicações gerais.' Esse objetivo considera que os mesmos padrões causais operam através do tempo e do espaço. Para realçar as implicações dos diferentes objetivos da pesquisa, consideremos brevemente um modelo alternativo de pesquisa coW pá rativa, proposto por Charles Ragin.

Do ponto de vista de Ragin, a sobredeterminação não é um problema (Ragin, 1987, pp. 10-11 e 162). Segundo ele, "tipicamente, há várias combinações de condições que devem produzir os mesmos fenômenos emergentes ou a mesma mudança"(5) e, "em certos contextos, uma certa causa pode ser relevante para dado resultado; em outros, pode ser irrelevante; em outros, ainda, a ausência dessa condição pode ser causalmente significativa para esse resultado" (Idem, ibidem, p. 166). No modelo de múltipla causalidade conjuntural não se estima a influência relativa das causas hipotéticas distintas ao longo de todas

as observações (Idem; ibidem, p. 64). Para Ragin, o objetivo da pesquisa comparativa não é a busca de explicações gerais. De acordo com ele, "o problema não é especificar um só modelo causal que melhor se adapte aos dados (...) mas determinar o número e o caráter dos diferentes modelos causais existentes entre" casos de um acontecimento particular.(6)

Cada modelo de causa social torna necessária uma concepção de escolha teórica. Ragin é de opinião que uma teoria não deixa de se corroborar ao ser confrontada com evidências em contrário. Uma teoria é aceitável enquanto estiver apoiada em algumas observações. A contraprova empírica para uma teoria serve para distinguir subtipos de um fenômeno e para elaborar teorias de subtipo específico.(7) Na abordagem de Ragin, "a tarefa da ciência social comparativa deixa de ser testar teorias jogando uma contra a outra - a competição para explicar a variação - e passa a ser determinar os limites e fronteiras das perspectivas concorrentes".(8) Ele não considera 'que diferentes teorias; procurando explicar o mesmo fenômeno, sejam vistas como explicações concorrentes.

**TABELA 1**  
**PROJETO DE SISTEMAS MAIS SEMELHANTES**

| <b>Casos</b> | <b>Traços semelhantes*</b> | <b>Traços diferentes**</b> | <b>Variáveis dependentes***</b> |
|--------------|----------------------------|----------------------------|---------------------------------|
|              | $X_1, \dots, X_k$          | $X_{k+1}, \dots, X_{k+n}$  | $Y (X_i, Y_j)$                  |
| 1            | 1, ... 0                   | 0, ... 0                   | 0                               |
| 2            | 1, ... 0                   | 1, ... 1                   | 1                               |

\* Variáveis controladas.

\*\* Variáveis operantes.

\*\*\* A variável dependente pode ser uma distribuição de frequência de uma variável ou uma relação entre duas variáveis.

Portanto, o pequeno número de observações só é problemático se o alvo da pesquisa comparativa for formular e corroborar explicações gerais de fenômenos sociais.(9) Um grau maior de generalização exige o teste de hipóteses rivais e, conseqüentemente, um número maior de observações (Smelser, 1976, pp. 154-155).

### **A redução do número de variáveis como solução para a sobre-determinação**

Theodore Meckstroth afirma que a pobreza de observações não é a dificuldade básica para estabelecer explicações em pesquisa comparativa; o problema é se as muitas explicações concorrentes são plausíveis (1975, p: 134). Ele sustenta que a sobre-determinação pode ser evitada usando-se o critério de relevância teórica para limitar o número de variáveis independentes relevantes. Arend Lijphart recomenda estratégia semelhante (1971, p. 690). Aconselha-nos a reduzir o número de variáveis independentes na pesquisa comparativa, focalizando as variáveis-chave. Mas essa estratégia não é eficiente, pois requer a solução para resolver o problema (TeW e, 1975, p. 196). Como saber quais são as variáveis-chave? Responder a esta pergunta é o motivo para fazer a pesquisa.

### **Os projetos de sistemas mais semelhantes**

Projetos de pesquisa comparativa são estratégias para reduzir o número de variáveis relevantes que explicam um fenômeno. Tais projetos eliminam a necessidade de levar em conta variáveis plausíveis que podem ser consideradas irrelevantes.

De acordo com Lijphart, pode-se reduzir consideravelmente o número de variáveis operacionais usando o projeto de sistemas mais parecidos (op. cit., p. 687). No entanto, Lijphart adverte que, nos projetos de sistemas mais semelhantes, as variáveis independentes que estão sendo estudadas tendem a covariar em relação a variáveis extrínsecas, mas potencialmente influentes: Sugere, no entanto, a escolha de casos que atenuem essa dificuldade (Idem, 1985, pp. 163-164). Mas o ponto importante não é o que se deveria encontrar, e sim o que se encontra efetivamente. A Tabela 1 - uma variação de uma tabela apresentada por Przeworski e Teune (1970, p. 37) - mostra o projeto de sistemas mais semelhantes.

Nesse projeto, o resultado dependente  $Y$  varia ao longo das observações. Excetuado esse ponto, os casos devem ser tão semelhantes quanto possível. Os traços semelhantes ( $X_1, \dots, X_k$ ) são causalmente irrelevantes para explicar  $Y$ , pois são constantes enquanto o fenômeno dependente variar. Por sua vez, os traços que covariam em relação a  $Y$  ao longo dos casos ( $X_{k+1}, \dots, X_{k+n}$ ) constituem hipóteses concorrentes.

Eis um exemplo. Harold Saetren tenta explicar vários graus de implementação de uma política pública análoga, adotada mais ou menos na mesma época na Finlândia, na Noruega e na Suécia (Saetren, 1985). Ele argumenta que os países escandinavos se aproximam da amostragem ideal, no que se refere à satisfação do critério de uso dos projetos de sistemas mais semelhantes. No entanto, acaba concluindo que vários fatores concorrem como explicação para o fenômeno analisado. Reconhece que "ainda existem, é claro, muito poucos fatores explicativos potencialmente importantes que têm de ser considerados, porque tais fatores têm diferentes valores em cada país".**(10)** Este é precisamente o resultado previsto por Przeworski e Teune. O projeto de sistemas mais semelhantes parece não resolver o problema da sobredeterminação, pois, "embora o número de diferenças entre países similares seja limitado, ele será, quase invariavelmente, grande o suficiente para 'sobredeterminar' o fenômeno dependente" (Przeworski e Teune, 1970, p. 34).

### *O projeto de sistemas mais diferentes*

Uma idéia que gerou ampla discussão na obra de Przeworski e Teune é a dos projetos de sistemas mais diferentes. John Frendreis alega que os projetos de sistemas mais semelhantes e mais diferentes são os mesmos, porque em ambos o critério para determinar a relevância das variáveis independentes é a covariação entre o fenômeno dependente e os fatores causais potenciais (Frendreis, 1983, pp. 256 e 262-263). Mas, nesse sentido, todos os métodos científicos são os mesmos. Meckstroth vê o projeto de sistemas mais diferentes como uma grande inovação (1975, pp. 132 e 136). Lijphart equipara esse projeto à análise estatística.**(11)** De Felice reconhece que o projeto de sistemas mais diferentes tem a mesma lógica do método de acordo de Mill. No entanto, DeFelice não considera que os dois projetos sejam o mesmo, porque ele também associa o projeto de sistemas mais diferentes com o exame de dados quantitativos (DeFelice, 1986, pp. 423, 426 e 429). Mas a aplicabilidade do projeto de sistemas mais diferentes não se limita aos dados estatísticos. A Tabela 2 representa o projeto de sistemas mais diferentes.

Esse projeto parte do princípio de que o fenômeno dependente é invariante ao longo das observações. Visando a reduzir o número de variáveis independentes viáveis, o projeto busca a heterogeneidade máxima entre os casos. Considerando que  $Y$  não varia ao longo dos casos,  $X_{k+1}$  até  $X_{k+n}$  podem ser eliminados como relevantes.

Uma questão que surge ao comparar os projetos de sistemas mais semelhantes e mais diferentes é saber qual deles é mais eficiente para reduzir o número de fatores causais potenciais. Um projeto não controla necessariamente mais variáveis exógenas que o outro. O projeto de sistemas mais semelhantes elimina como variáveis independentes apropriadas as características compartilhadas ( $X_1, \dots, X_k$ ); enquanto o projeto de sistemas mais diferentes faz o mesmo com os traços variantes ( $X_{k+n}, \dots, X_{k+n}$ ). O projeto de sistemas mais semelhantes procura maximizar  $k$ , enquanto o objetivo do projeto de sistemas mais diferentes é maximizar  $n$ . A capacidade de um ou outro projeto eliminar um número maior de fatores causais plausíveis depende de  $k > n$  ou de  $k < n$ .

**TABELA 2**  
**PROJETO DE SISTEMAS MAIS DIFERENTES**

| <b>Casos</b> | <b>Traços semelhantes*</b> | <b>Traços diferentes**</b> | <b>Variáveis dependentes***</b> |
|--------------|----------------------------|----------------------------|---------------------------------|
|              | $X_1, \dots, X_k$          | $X_{k+1}, \dots, X_{k+n}$  | $Y (X_i, Y_i)$                  |
| 1            | 1, ..., 0                  | 0, ..., 0                  | 1                               |
| 2            | 1, ..., 0                  | 1, ..., 1                  | 1                               |

\* Variáveis operantes.

\*\* Variáveis controladas.

\*\*\* A variável dependente pode ser uma distribuição de frequência de uma variável ou uma relação entre duas variáveis.

Não há alternativas melhores disponíveis. Mas nenhuma das duas abordagens parece suficiente para superar a sobre-determinação (Frendreis, 1983, pp. 265 e 268). A esperança de que se possa atenuar a sobre-determinação não repousa sobre os projetos de pesquisa comparativa.

### *Análise macrohistórica*

Theda Skocpol discordou dessa conclusão, argumentando que os projetos de pesquisa são estratégias adequadas para enfrentar a sobre-determinação na pesquisa comparativa. De acordo com Skocpol, "a análise histórica comparativa é, na verdade, o modo de análise multifacetado ao qual se recorre quando há muitas variáveis e não há casos suficientes" (Skocpol, 1979, p. 36).

No entanto, o que Skocpol chama de análise macrocausal, ou análise histórica comparativa, não é um método de pesquisa distintivo. Nada há de especificamente histórico na lógica da pesquisa em análise histórica comparativa. Todos os casos são históricos, já que os analisamos *ex post facto*.

Skocpol afirma que o método de inquérito histórico comparativo busca estabelecer explicações válidas de duas maneiras: 1) através daquilo que Mill chama de "método de acordo"; e/ou 2) pelo que ele chama de "método da diferença" (Skocpol, 1979, p. 36; idem, 1984, pp. 378-379). A Tabela 3 mostra como Skocpol e Margaret Somers descrevem o método do acordo; e a Tabela 4 faz o mesmo em relação ao método da diferença (Skocpol e Somers, 1980, p. 184).

A lógica do método da diferença, no entanto, é a mesma do método de sistemas mais semelhantes. Em ambos, o fenômeno dependente varia entre as observações. Comparem-se observações em que a variável dependente e uma ou mais variáveis independentes hipotéticas estão presentes com casos em que tanto o acontecimento a ser explicado quanto o(s) fator(es) causal(is) presumidos estão ausentes. Com exceção dessas diferenças, tanto os exemplos positivos (nos quais a variável dependente e a causa estão presentes) quanto os casos negativos (nos quais as duas variáveis estão ausentes) deveriam ser tão semelhantes quanto possível. As características compartilhadas pelas observações positivas e negativas são causalmente irrelevantes.

Por outro lado, a lógica do método de acordo é a mesma do projeto de sistemas mais diferentes. Em ambos, a variável dependente deveria ser invariante, ao longo dos casos. As diferenças entre as observações são irrelevantes para explicar o acontecimento analisado e os traços semelhantes podem ser fatores explicativos potenciais.

Já que os métodos de acordo e de diferença são respectivamente os mesmos que os projetos de sistemas mais diferentes e mais semelhantes, o argumento acima, que se refere às limitações dos últimos dois quanto à sobre-determinação; também se aplica à análise histórica comparativa.

Na representação do método de acordo, na Tabela 3, e do método de diferença, na Tabela 4, o que Skocpol e Somers chamam de semelhança ou diferença crucial é apenas uma hipótese possível para a variável dependente. A situação usual é que os casos não sejam parecidos, ou dessemelhantes, em apenas uma variável que possa ser considerada crucial ao se fazer o levantamento dos fenômenos dependentes

**TABELA 3**  
**MÉTODO DE ACORDO**

| Casos | Semelhança crucial* | Diferenças gerais** | Variável dependente |
|-------|---------------------|---------------------|---------------------|
| 1     | X                   | A,B,C               | Y                   |
| 2     | X                   | D,E,F               | Y                   |
| N     | X                   | G,H,I               | Y                   |

\* Variável operante.

\*\* Variáveis controladas.

**TABELA 4**  
**MÉTODO DE DIFERENÇA**

| Casos | Semelhanças gerais* | Diferenças cruciais** | Variável dependente |
|-------|---------------------|-----------------------|---------------------|
| 1     | A,B,C               | X                     | Y                   |
| 2     | A,B,C               | não-X                 | não-Y               |

\* Variáveis controladas.

\*\* Variável operante.

### Aumentar o número de casos como solução para a sobredeterminação

Outra solução para a sobredeterminação pode ser aumentar o número de observações. Lijphart sugere que se tente aumentar tanto quanto possível o número de casos, por exemplo, ampliando o âmbito geográfico da pesquisa (Lijphart, 1971, p. 686). Przeworski observa, e com razão; que o viés injustificado de fazer o estudo por regiões - Europa Ocidental, OECD, América Latina - exacerba a sobredeterminação (Przeworski, 1987, pp. 39-41). Mas até que ponto podemos aumentar o número de exemplos ampliando a busca geograficamente? Bruce Russett chama a atenção para o fato de que "análises multifacetadas de dados em que a nação - ou Estado - é a unidade de análise logo esbarra na limitação decorrente de só existirem, no mundo contemporâneo, cerca de 130 Estados soberanos, por mais generosa que seja a definição do termo" (Russett, 1970; p. 430). Embora existam atualmente mais de 130 países, o argumento permanece válido. Outro caminho é tentar aumentar o número de observações por meio da pesquisa histórica, mas essa abordagem traz seus próprios problemas, devido às dificuldades para obter informações suficientes.

Dois fatores determinam o número de casos: 1) o que se encontra na natureza: por exemplo, existem apenas tantos países; e 2) o fenômeno que queremos explicar. Alguns estudiosos, percebendo que o número de observações é pequeno em níveis macro, recomendam que, ao lidar com a sobre-determinação, a macroanálise seja abandonada.

Brian Barry observa que, em estudos macrosociais; é aparentemente impossível decidir-se empiricamente por hipóteses derivadas de teorias concorrentes. **(12)** Afirma que tal situação é razão suficiente para procurar uma alternativa 'a pesquisa macrosocial. Segundo Russett, sempre que o número de casos para um procedimento correlaciona) adequado for muito pequeno, uma maneira de enfrentar a limitação é verificar os mecanismos específicos na relação causal entre variáveis e mudar o nível da análise (Russett, 1970, p. 434).

Russett não desenvolve essa sugestão, mas fica implícito que, se assim for feito, o número de observações aumentará. Seu conselho pode admitir duas possibilidades: mudar o nível das variáveis independentes, ou o das variáveis dependentes.

Mudar as variáveis independentes relevantes do nível macro para o micro pode dar a impressão de que o número de exemplos aumenta. As microunidades - por exemplo, comportamentos individuais - são mais numerosas do que as macro - por exemplo, estruturas de classe. Mas as mudanças no nível das variáveis independentes não alteram o número de observações.

As diferenças nas taxas de crescimento econômico, por exemplo, podem ser explicadas pelo nível de motivação empreendedora dos indivíduos para o progresso. **(13)** Um país no qual haja um grande número de pessoas com alto nível de motivação empreendedora deve passar por um crescimento econômico mais rápido. Pessoas com grande interesse pelo progresso têm espírito empreendedor, que as leva a explorar as oportunidades e a assumir riscos calculados. Outra explicação para as diferenças de nível de crescimento econômico é em termos de regime político. Um argumento primordial é que o nível de consumo que a população pode atingir numa democracia é um obstáculo para o nível de investimento. Há uma permuta entre a democracia e o crescimento; o autoritarismo conduz a índices mais altos de crescimento econômico. **(14)** Para estudar os índices de crescimento econômico em um determinado país usando a primeira explicação, a variável independente estará no nível dos indivíduos, enquanto na segunda explicação a variável independente estará no nível do sistema político; no entanto, a variável dependente - os índices de crescimento - não se altera.

É a transformação da variável dependente que poderia gerar casos suficientes para superar a sobre-determinação. Mudar o nível da variável dependente é o que Ivan Vallier aparentemente sugere ao dizer que "o problema central é desenvolver regras de procedimento que nos permitam mergulhar até as unidades sociais de nível mais baixo como fonte de informação - podendo, assim, aumentar N - e, subseqüentemente, afastar-nos desse dado. Para podermos inferir a respeito da sociedade como um todo (...) tentamos, assim, tratar as unidades de ordem menor como 'amostras' do fenômeno social" (1971, p. 216).

A pergunta é se um fenômeno dependente que ocorra menos freqüentemente na natureza é um caso de outro acontecimento dependente que seja mais numeroso. Na pesquisa comparativa, a reformulação das variáveis dependentes para aumentar o número de observações freqüentemente distorce as nossas perguntas.

O exemplo seguinte mostra o risco que há em partir do princípio de que um fenômeno é o subtipo de outro. Peter Calvert afirma que a essência das revoluções é "a mudança de governo num ponto claramente definido do tempo, pelo uso das armas ou pela ameaça digna de crédito de que elas serão usadas" (1970, p. 4). Ao definir as revoluções dessa maneira, ele classifica todos os tipos de fenômeno - golpes, assassinatos de chefes de Estado - como revoluções. De forma não surpreendente, ele vê as revoluções como ocorrências extremamente comuns. Em sua lista de revoluções encontramos acontecimentos tão diversos quanto a Revolução Chinesa de 1949, o assassinato do presidente John Kennedy em 1963 e o golpe de 1952 em Cuba. Com um conceito tão amplo do que é uma revolução, ele enumera 363 delas, entre 1901 e 1960 (Idem, *ibidem*, pp. 30-31 e 203). Mas a resposta para a pergunta: "Por que as grandes revoluções ocorreram?" não é a mesma que para a questão: "Por que os golpes de Estado foram tão freqüentes na América Latina e na África?"

Perceber um fenômeno como subvariedade de um acontecimento mais numeroso relaciona-se com uma certa noção de generalidade teórica. A crença, neste caso, é que uma teoria mais geral explica uma gama maior de fenômenos. Uma teoria menos geral pode ser deduzida de outra mais geral. Ao examinarmos o que Imre Lakatos chama de "falsificacionismo metodológico sofisticado", vemos que, nas ciências naturais, essa concepção de generalidade é um fator-chave para a escolha teórica.

Lakatos afirma que, nas ciências naturais, as teorias substituem-se umas às outras de acordo com os critérios a seguir (1978, p. 32). A teoria T' supera a teoria T se, e apenas se: 1) T' tem um excesso de conteúdo empírico em relação a T, ou seja, T' prevê novos fatos que são improváveis à luz de T, ou até mesmo proibidos por T; 2) T' explica o sucesso anterior de T, ou seja, o conteúdo de T' inclui todo o conteúdo não refutado de T; e 3) parte do conteúdo empírico excessivo de T' é corroborado, ou seja, T' leva à descoberta de fatos novos.

Se T' dá conta de tudo aquilo que foi explicado por T e ainda fornece fatos novos, está implícito que T' explica uma gama maior de fenômenos do que T; e T explica um fenômeno que é um tipo de outro resultado explicado por T'. Portanto, aumentos no número de observações resultantes de mudanças na variável dependente acarretam a proposta de uma teoria mais geral. É como se dispuséssemos da teoria T, que explica as revoluções, e uma teoria mais geral T', que explica não só as revoluções como também os golpes de Estado, assassinatos de líderes políticos etc. A teoria T' seria mais geral do que no sentido do falsificacionismo metodológico sofisticado. No entanto, como sugere o exemplo de Calvert, na política comparada é difícil determinar se uma teoria é mais geral do que outra no sentido acima mencionado. Na pesquisa social comparativa, a referência à generalidade teórica significa, usualmente, que uma teoria oferece a mesma explicação para o mesmo fenômeno em dois ou mais sistemas sociais.

### **Sobredeterminação e escolha da teoria**

Nenhuma das estratégias discutidas acima resolve o problema da overdeterminação na pesquisa comparada. Em certos casos, essas estratégias podem ser bem-sucedidas, mas em outros a overdeterminação permanece. Senão se pode decidir entre uma e outra hipótese com bases empíricas, o que isso significa para o desenvolvimento da ciência na investigação social comparativa?

Herbert Blalock pergunta: "O que acontece a uma disciplina acadêmica quando as teorias não podem ser eliminadas numa base empírica? O campo fica atulhado de alternativas que devem ser avaliadas de acordo com critérios diferentes" (1984, p. 140). São selecionados os membros de maior destaque na profissão, ou a escolha é feita de acordo com predisposições ideológicas. Usando tom semelhante, Vallier afirma: "Quando os cientistas sociais não são capazes de testar e rejeitar hipóteses, as considerações políticas e ideológicas têm a chance de desempenhar papel importante na determinação das conclusões" (1971, p. 228). Se as proposições de Blalock e Vallier estiverem corretas, a obra de Thomas Kuhn é relevante para a escolha da teoria na investigação comparativa (Kuhn, 1970).

Embora desenvolva sua discussão em termos de paradigmas, e não de teorias, Lijphart afirma que; no campo das relações internacionais, há dois paradigmas: o tradicional e o comportamental. A mudança em notoriedade daquele para este seguiu muito de perto o projeto das revoluções científicas de Kuhn (Lijphart, 1974, pp. 41-42, 58-61 e 68-69).

Kuhn afirma que a rejeição de um paradigma previamente aceito, ou a adoção de outro, "não resulta de um processo de confirmação ou falsificação de paradigmas" (1970, pp. 8 e 151). A seleção não pode ser feita com base na evidência empírica (idem, ibidem, p. 148). Os cientistas adotam individualmente novos paradigmas por todo tipo de razão: pela nacionalidade, ou devido à reputação anterior de um cientista que defendia o paradigma (idem, ibidem, pp. 152-156).

Embora Kuhn rejeite explicitamente a relevância de seus argumentos para as ciências sociais, sua formulação do processo de escolha do paradigma elucidada o que tende a acontecer na investigação social comparativa quando as hipóteses se encontram numa situação de overdeterminação.

A reconstrução da história da sociologia americana, feita por Norbert Wiley, autoriza a expectativa de que os fatores sociais desempenhem um papel significativo na seleção a ser feita entre teorias concorrentes. Na história da sociologia americana, razões irrelevantes para o valor científico das teorias foram importantes para determinar a escolha teórica (Wiley, 1979, pp. 47-49). "Se uma idéia ou teoria é malsucedida, nem por isso ela é menos verdadeira ou menos meritória do que as que não foram bem-sucedidas" (Idem, ibidem, p. 48). Wiley cita alguns fatores sociais que são determinadores importantes da seleção teórica. Um deles é se um grupo bem organizado apóia a teoria; o outro é o grau de controle que esse grupo tem sobre os meios de produção intelectual. Este termo refere-se às publicações jornalísticas, às colocações profissionais, aos estudantes graduados, ao dinheiro para pesquisa e ao controle das estruturas organizacionais e cerimoniais das principais associações profissionais de determinada disciplina.

No entanto, Terence Ball contesta a possibilidade de aplicar a visão que Kuhn tem da escolha de paradigmas à investigação social comparativa. Ball sugere que as idéias de Lakatos sobre o desenvolvimento das ciências naturais estão muito próximas da ciência política (Ball, 1984, pp. 3845). Mas, como já se afirmou anteriormente, no progresso científico por meio de programas de pesquisas está implícito um tipo de generalidade teórica que é difícil conseguir na investigação social comparativa. Além disso, segundo Lakatos, quando uma teoria supera outra em um programa de pesquisa, algum tipo de corroboração da melhor teoria serve de contraprova para a pior (Lakatos, 1978, pp. 35-37). Ao conceituar os contra-exemplos na lógica dos programas de pesquisa, Lakatos afirma que "a contraprova de T1 é a corroboração de T2 a qual ou é inconsistente em relação a T1 ou independente dela (com a condição de que T2 seja uma teoria que explique satisfatoriamente o sucesso empírico de T1)" (Idem, ibidem, 35-36). Esse cenário parece improvável na pesquisa comparativa quando as hipóteses derivadas de teorias concorrentes estão em uma situação de overdeterminação. Se as variáveis independentes de duas hipóteses rivais

covariam nos casos disponíveis, é improvável que se possa refutar ou corroborar uma hipótese sem fazer o mesmo com a outra.

## Conclusão

As controvérsias na metodologia comparativa provêm de diferentes suposições acerca do objetivo da pesquisa comparativa e do modelo de causalidade social que deve prevalecer. Este ensaio procura esclarecer esse debate, explicitando as premissas subjacentes à concepção de sobre-determinação, que é problemática na pesquisa comparativa. O problema da sobre-determinação pode ser evitado pela adesão a postulados contrários; mas, nesse caso, depara com outras sérias dificuldades.

Este artigo também tenta elucidar alguns equívocos a respeito das estratégias para lidar com a sobre-determinação. Apesar dos méritos dessas estratégias, elas tendem a não superar o problema. Aparentemente, não há melhor forma de enfrentar as muitas e variáveis facetas da sobre-determinação, a não ser aplicando uma ou mais das abordagens aqui discutidas. É tampouco provável que o número de casos disponível para análise possa ser suficientemente aumentado expandindo-se a pesquisa geográfica e/ou historicamente. A sobre-determinação continua a ser um problema fundamental na investigação comparativa: ela aumenta a influência dos fatores sociais como determinantes na seleção teórica.

O fenômeno dependente que desejamos explicar determina, em grande parte, o número de observações disponível para análise. Quando a variável dependente está em um nível micro, deve-se deparar menos frequentemente com situações de sobre-determinação - ou talvez ela nem se manifeste - do que quando essa variável se encontra em um nível macro. **(15)** Assim, a influência dos fatores sociais deve variar de acordo com o campo acadêmico. **(16)** Quando a investigação social busca explicar fenômenos numerosos, os estudiosos têm melhores condições de arbitrar empiricamente entre as hipóteses, e os fatores sociais desempenham um papel menos importante na escolha teórica do que nas investigações em que as variáveis dependentes são poucas, como em uma investigação macrosocial.

A sobre-determinação pode ser resolvida se pudermos decidir que uma teoria é mais geral ao longo dos fenômenos do que as suas rivais. O número de observações poderia aumentar por uma mudança nas variáveis dependentes; o maior número poderia possibilitar a escolha empírica entre as hipóteses. Além disso, como nas ciências naturais, a noção de generalidade implícita nas mudanças na variável dependente poderia ser usada como um critério-chave para a escolha teórica.

No entanto, nas ciências sociais, é difícil determinar que um certo fenômeno é um subtipo de uma classe mais geral. A capacidade de decidir se uma teoria engloba a outra é um desafio que as ciências sociais enfrentam ao seguir o projeto das ciências naturais. A possibilidade de que a sobre-determinação seja superada na investigação comparativa parece depender, da medida em que possamos enfrentar esse desafio.

## Tradução de Lauro Machado Coelho

### NOTAS

\* O autor agradece a Adam Przeworski, David Colher, Arend Lijphart, Henry Teune e David Laitin pela ajuda que lhe deram na preparação deste artigo. A ANPOCS agradece ao professor Jorge Zaverucha (UFPE), membro do Conselho Editorial da R.B.C.S., pela revisão da tradução deste artigo.

1. Ver Russett, 1970, p. 430; Barry, 1982, p. 129; Frensdreis, 1983, p. 265; Blalock Jr., 1984, pp. 84-85 e 89-90; Jackman, 1985, p. 164.
2. Przeworski, 1987, pp. 38-39 e 41. Para uma discussão mais recente do problema da sobre-determinação, ver Haggard, 1990, pp. 28 e 161.
3. Observe-se que o argumento se refere apenas aos países capitalistas avançados. Na América Latina, por exemplo, a ausência de neocorporativismo não coincide com as características inglesas típicas. Essas características, portanto, são apenas uma variante de não ser neocorporativista.
4. Este é o objetivo de pesquisa aqui adotado. Além disso, concebo o método comparativo como uma estratégia de pesquisa aplicada quando há poucos casos a serem investigados. Esse método lida com o problema do controle pela análise lógica, justapondo semelhanças e/ou diferenças compreendidas em conjuntos de variáveis. Não se justifica dizer que o método comparativo não é orientado para as variáveis. Todos os métodos científicos podem ser vistos como orientados para as variáveis.
5. Ragin, op. cit., p. 25. Ao apoiar esse ponto de vista, ele usa dados hipotéticos, ou então dá como certos relatos diferentes de determinado fenômeno.
6. Ragin, op. cit., p. 167. Ele também afirma que "quando os comparativistas orientados para a análise qualitativa fazem suas comparações, estudam de que forma as condições ou causas diferentes se ajustam a um determinado ambiente, contrastando-as com o modo como se ajustam em outro ambiente (...)". Idem, *ibidem*, p. 13.
7. Segundo ele, "se há (...) duas combinações de condições que produzem [um dado resultado], as duas combinações são consideradas relatos igualmente válidos do fenômeno, sem levarem conta sua frequência relativa". Idem, *ibidem*, p. 15.



8. Ragin, por exemplo, afirma que "[a evidência contrária] (...) fornece um caminho para identificar duas teorias [apropriadamente modificadas] se deve aplicar a cada caso". Idem, *ibidem*, p. 169.
9. Esse objetivo é amplamente aceito; por exemplo: Przeworski e Teune, 1970, pp. 4 e 17; Holt e Turner, 1970, p. 2; e Lijphart, 1985, p. 162.
10. Isto é, os aspectos organizacionais do processo de tomada de decisão, as diferenças constitucionais e institucionais entre os três países, e o tempo decorrido entre a ocorrência de fatos contextuais e o processo de tomada de decisão. Saetren, *op. cit.*, p. 232.
11. Lijphart (1985, p. 164) afirma que o projeto de sistemas mais diferentes só é aplicável quando o número de casos é grande o suficiente para que sejam usadas técnicas estatísticas, porque Przeworski e Teune (1970, p. 34) dizem que o ponto de partida desse projeto é normalmente a análise do comportamento no nível dos indivíduos. Mas a lógica desse projeto não limita sua aplicação à análise do comportamento dos indivíduos.
12. Brian Bawly (1982, p. 129) assim apresenta a questão: "Parece quase inconcebível que (...) seja possível conseguir um conjunto de condições necessárias e suficientes realmente convincente. Sempre será possível que alguém sugira alternativas que são compatíveis com a evidência, e a evidência nunca será suficiente para solucionar o problema."
13. Esta ilustração é tirada de McClelland (1966).
14. Para obras que defendam o ponto de vista de que há uma permuta entre democracia e crescimento econômico, ver, por exemplo: Huntington e Nelson, 1976, pp. 23-25 e 36-37; Marsh, 1979, pp. 219 e 444; e Rao, 1984, pp. 74-75.
15. Quando os fenômenos dependentes estão no nível das cidades, por exemplo.
16. De acordo com Vallier (1971, p. 228), "quanto mais baixa a capacidade dos cientistas sociais de testar (rejeitar, verificar, qualificar etc.) hipóteses de importância fundamental em seu campo específico, maior a possibilidade de que a polarização se baseie em posições ideológicas. A partir daí, é de se esperar que campos como os pequenos grupos de estudo experimentais, sobre demografia ou problemas familiares sejam muito menos politizados do que as análises macroestruturais".

## BIBLIOGRAFIA

- BALL, Terence. (1984), "From Paradigms to Research Programs: Toward a Post-Kuhnian Political Science", in H.B. Asher (org.), *Theory Building and Data Analysis in the Social Sciences*. Knoxville, University of Tennessee Press.
- BARRY, Brian. (1982), "Methodology versus Ideology: the Economic Approach Revisited", in E. Ostrom (org.), *Strategies of Political Inquiry*. Beverly Hills, CA, Sage Publications.
- BLALOCK, Jr., Hubert M. (1984), *Basic Dilemmas in the Social Sciences*. Beverly Hills, CA, Sage Publications.
- CALVERT, Peter. (1970), *A Study of Revolution*. Londres, Oxford University Press.
- CASTLES, Francis G. e MERRILL, Vance. (1988), "Towards a General Model of Public Policy Outcomes", *papem sobre ciência política apresentado à Universidade Nacional Australiana, em Canberra*.
- DeFELICE, Gene E. (1986), "Causal Inference and Comparative Methods", *Comparative Political Studies*, n° 19.
- FRENDREIS, John P. (1983), "Explanation of Variation and Detection of Covariation: the Purpose and Logic of Comparative Analysis", *Comparative Political Studies*, n° 16.
- HAGGARD, Stephen. (1990), *Pathways from the Periphery: the Politics of Growth in the Newly Industrialized Countries*. Ithaca, Nova York, Cornell University Press.
- HOLT, Robert T. e TURNER, John E. (1970), "The Methodology of Comparative Research", in R.T Holt e J.E. Turner (eds.), *The Methodology of Comparative Research*. Nova York, The Free Press.
- HUNTINGTON, Samuel e NELSON, Joan M. (1976), *No Easy Choice: Political Participation in Developing Countries*. Cambridge, MA, Harvard University Press.
- JACKMAN, Robert W (1985), "Cross-National Statistical Research and the Study of Comparative Politics", *American Journal of Political Sciences*, n° 29.
- KUHN, Thomas S. (1970), *The Structure of the Theoretical Revolution in International Relations*. 23 edição, Chicago, University of Chicago Press.
- LAKATOS, Imre. (1978), *The Methodology of Scientific Research Programmes*. J. Worrall e G. Currie (org.), Cambridge, Cambridge University Press.
- LIJPHART, Arend. (1971), "Comparative Politics and the Comparative Method", *American Political Science Review*, n° 65.
- \_\_\_\_\_. (1974), "The Structure of the Theoretical Revolution in International Relations", *International Studies Quarterly*, n° 18.
- \_\_\_\_\_. (1985), "The Comparable-Cases Strategy in Comparative Research", *Comparative Political Studies*, n° 8.
- MARSH, Robert M. (1979), "Does Democracy Hinder Economic Development in Latecomer Developing Nations?", *Comparative Social Research*, n° 2.
- MCCLELLAND, David. (1966), "The Achievement Motive in Economic Growth", in J.L. Finkle e R.W Gable (org.), *Political Development and Social Change*, Nova York, John Wiley & Sons, Inc.
- MECKSTROTH, Theodore W. (1975), "'Most Different Systems' and 'Most Similar Systems': a Study in the Logic of Comparative Inquiry", *Comparative Political Studies*, n° 8.
- PRZEWORSKI, Adam. (1987), "Methods of Cross National Research, 1970-1983: an Overview", in M. Dierkes, H.N. Weiler e A. Berthoin Antal (org.), *Comparative Policy Research: Learning from Experience*. Inglaterra, Gower Publishing Co.
- PRZEWORSKI, Adam e TEUNE, Henry. (1970), *The Logic of Comparative Social Inquiry*. Nova York, John Wiley and Sons.
- RAGIN, Charles. (1987), *The Comparative Method: Moving beyond Qualitative and Quantitative Strategies*. Berkeley e Los Angeles, University of California Press.
- RAO, Vaman. (1984), "Democracy and Economic Development", *Studies in Comparative International Development*, vol. 19/4.
- RUSSETT, Bruce M. (1970), "International Behaviour Research: Case Studies and Cumulation", in M. Haas e H. S. Kariel (org.), *Approaches to the Study of*

*Political Science*, Scranton, PA, Chandler Publishing Co.

SAETREN, Harald. (1985), "Comparative Public Policies: Some Methodological and Theoretical Notes from a Scandinavian Research Project", *European Journal of Political Research*, n° 13.

SKOCPOL, Theda. (1979), *States and Social Revolutions: a Comparative Analysis of France, Russia, and China*. Cambridge, Cambridge University Press.

\_\_\_\_\_. (1984), "Emerging Agendas and Recurrent Strategies in Historical Sociology", in Th. Skocpol (org.) *Vision and Method in Historical Sociology*. Cambridge, Cambridge University Press.

SKOCPOL, Theda e SOMERS, Margaret. (1980), "The Uses of Comparative History in Macro-social Inquiry", *Comparative Studies in Society and History*, n° 22.

SMÉLSER, Neil J. (1976), *Comparative Methods in the Social Sciences*. Englewood Cliffs, N.J., Prentice-Hall Inc.

TEUNE, Henry. (1975), "Comparative Research, Experimental Design and the Comparative Method", *Comparative Political Studies*, n° 18.

VALLIER, Ivan. (1971), "Empirical Comparisons of Social Structure, Leads and Lags", in I. Vallier (org.), *Comparative Methods in Sociology: Essays on Trends and Applications*. Berkeley e Los Angeles, University of California Press.

WILEY, Norbert. (1979), "The Rise and Fall of Dominating Theories in American Sociology", in WE. Snizek, E.R. Fuhrman e M.K. Miller (org.), *Contemporary Issues in Theory and Research: a Metasociological Perspective*. Westport, CT, Greenwood Press.